

AJ21876

PESQUISA 41,46% DOS ENTREVISTADOS NÃO DENUNCIARAM OS CASOS, OCORRIDOS NOS ÚLTIMOS 12 MESES, À POLÍCIA

Violência atingiu 20% dos capixabas no último ano

Dados são resultado de pesquisa realizada pelo Instituto Futura, encomendada pela Rádio CBN

SANDRESA CARVALHO
sscarvalho@reddegazeta.com.br

Um em cada cinco capixabas tem uma história de violência para contar, seja como vítima ou por ter algum familiar alvo da ação de bandidos nos últimos 12 meses. É o que comprova uma pesquisa realizada pelo Instituto Futura, encomendada pela Rádio CBN. Os dados mostram que

20,5% dos entrevistados tiveram contato com a violência, por terem sido vítimas diretamente ou porque algum familiar foi atacado por bandidos.

“Esse é um número considerável, pois, embora não se possa dizer que 20,5% dos capixabas foram vítimas de violência, também não se pode mensurar esse número exato de vítimas. Quando o entrevistado afirma que um familiar dele foi vítima de um crime, ele não diz quantos familiares foram. Pode ser um só como podem ser 15 pessoas”, explicou o coordenador da pesquisa, Carlos Henrique Gobbi.

A maior parte das pessoas citou que a violência aconteceu em um assalto, com 58,54% das respostas. Em se-

gundo lugar, como causa de violência, vêm as agressões físicas, com 10,98%.

Os homicídios são a terceira maior causa dos crimes, com 6,1% das menções, empatados com os furtos (casos em que não ocorre violência ou ameaça contra a pessoa) e as tentativas de assalto. Os seqüestros relâmpago ficaram com 2,44% das respostas dos entrevistados.

Sem queixa. Embora a grande maioria das pessoas tenha procurado a polícia para registrar a ocorrência, o índice de vítimas que não prestaram queixas (subnotificação) é grande, ocorrendo em 41,46% dos casos relatados.

“Esse foi um dos dados que mais chamou a minha atenção. O alto índice de subno-

tificações, principalmente nas classes economicamente menos favorecidas. Nessas classes, a subnotificação é muito grande”, disse Gobbi.

Para os entrevistados, o principal motivo da subnotificação é que não valeria a pena registrar a queixa, com 26,47%. Em segundo lugar, empatadas, a ausência de grandes danos e a sensação

de que isso não resolveria o problema são duas outras causas das subnotificações, com 17,65% das respostas.

Entre as pessoas que optaram por registrar a ocorrência, o principal motivo para a decisão foi a esperança de o bandido ser preso, citada por 19,15% dos entrevistados, seguida pela falta de outra alternativa, com 14,89%.

Pesquisa entrevistou 405 pessoas

Para a pesquisa, foram entrevistadas 405 pessoas, de ambos os sexos, divididas por idade, grau de escolaridade e classe socioeconômica nos municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Serra. As entrevistas foram realizadas no dia 13 de outubro, e a margem de erro é de 4,5 pontos percentuais, para cima ou para baixo, com intervalo de confiança de 95%. Os dados podem ser encontrados no site do Instituto Futura, pelo endereço eletrônico www.futuranet.ws.

Governo diz que índice vem caindo ano a ano

O secretário de Segurança Pública e Defesa Social, Rodney Rocha Miranda, afirmou que o percentual de pessoas que foram vítimas de violência ou tiveram familiares nessa situação vem caindo gradativamente no Estado.

“Em 2002, por exemplo, eram 33,5%. No ano seguinte,

Emocional abalado



NOS DEDOS. Elaine Marques conta nos dedos quantas vezes deixou de chamar a polícia após um assalto: oito vezes. Sua loja de conserto de telefone celular fica na movimentada Avenida Luciano das Neves, em Vila Velha, e já foi alvo de ladrões dezenas de vezes. “Quase sempre levam pouca coisa. Uma bicicleta, um celular. Nem liguei para a polícia. Deixamos passar e ficamos no prejuízo”. Às vezes, diz ela, aparece alguém tentando fazê-la comprar um aparelho roubado. “Sei que foi roubado porque é um celular de mais de mil reais, que querem me vender por R\$ 50”. Mas não há quem agüente tanta insegurança. Por isso, Elaine e o marido já decidiram: vão fechar as portas e se mudar para o interior de Minas Gerais. FOTOS: GILDO LOYOLA

A PESQUISA

20,5% dos entrevistados foram vítimas de violência ou tiveram algum familiar nessa situação

58,5% das vítimas foram assaltadas

10,9% sofreram algum tipo de agressão física

6,1% relataram casos de furto e também de homicídio

41,4% das vítimas de violência não registraram a queixa

26,4% das pessoas que não registraram ocorrência afirmam que deixaram de denunciar o crime porque não valeria a pena

19,1% dos que procuraram a polícia tinham o objetivo de ver o bandido preso

52,4% das pessoas que sofreram algum tipo de violência não adotaram nenhuma medida de segurança após o crime acontecer

33,3% das pessoas que tomaram medidas de segurança após um crime optaram por redobrar a atenção

12,8% optaram por andar com pouco dinheiro na carteira

12,8% colocaram trancas em casa

57% dos entrevistados apontam a Serra como o município mais vio-

eram 33,5%. No ano seguinte, eram 30,29. Hoje, são 20,5%. Isso é um bom indicativo de que estamos no caminho certo e que a política de segurança pública está produzindo bons resultados”, avaliou o secretário de Segurança.

Sobre a falta de confiança manifestada por 5,88% das pessoas que não registraram ocorrência após o crime, o secretário afirmou: “Se compararmos com o grau de confiança em outros estados, esse é um indicador positivo, pois temos – por outro lado – 94,12% das pessoas que confiam na polícia”, disse.

Segundo Rodney Miranda, esse fenômeno é maior nas classes menos favorecidas, porque são as que mais sofrem com os assassinatos.

“Os casos de homicídios ocorrem mais nessas classes sociais e são esses os crimes que chocam mais a população”, avaliou.

Sobre as subnotificações, o secretário afirmou que vai analisar o porquê do problema. “Quando assumimos, a subnotificação era superior a 50%. Acredito que a superlotação das cadeias pode ser um motivo, mas isso estará solucionado com a construção do cadeiaão, em 2006”.

Marcas para uma vida



SÍMBOLO. Janilda Rosindo Pereira se considera o símbolo da violência que domina o município onde mora, a Serra. Desde que dois bandidos invadiram sua casa, no Bairro de Fátima, dez anos atrás, ela vive em uma cadeira de rodas. “Levei dois tiros. Eles só queriam roubar a televisão. O que aconteceu chega a ser ridículo”, comenta. Janilda acha que a violência aumentou de lá para cá. “Há um mês, meu sobrinho foi assassinado a tiros em Jardim Tropical, quando visitava a mãe. Lá, é uma terra sem lei. Por isso, acho que não adianta mudar de bairro, onde eu for, a violência vai estar”, disse. Apesar do trágico incidente que a fez se aposentar cedo da carreira de bancária, Janilda vai apertar o botão do “Não” no referendo. “Os bandidos que atiraram em mim não usavam uma arma legalizada”, comenta.

Casa vigiada



TECNOLOGIA. Uma câmera instalada no alto do muro mostra a movimentação do lado de fora do portão da casa onde mora a aposentada Maria das Graças Pinto Coutinho, 57 anos, em Itapoã, Vila Velha. O aparelho, instalado há cinco meses, já ajudou a evitar um roubo. “Ao mostrar a uma visita o sistema de monitoramento, vimos um homem tentando arrombar a porta do carro dela. Saímos gritando, e ele fugiu”, contou a aposentada. Do lado de dentro, ela sente que sua família está mais protegida. A casa é equipada ainda com alarme e cerca elétrica. “Instalamos todo esse equipamento, depois que um rapaz pulou o muro da casa. Felizmente, não roubou nada, mas nos deixou com medo”, disse ela. Apesar da parafernália eletrônica, Maria das Graças continua insegura ao sair de casa.

tados apontam a Serra como o município mais violento da Grande Vitória

85,5% acham que as drogas contribuem muito para a violência

25,7% das vítimas eram moradoras da Serra

32,3% estão na faixa etária dos 40 aos 49 anos

59,5% das vítimas de assalto são mulheres

18,1% das vítimas de homicídio tinham entre 16 e 19 anos

12,5% dos moradores de Vitória que não prestaram queixa afirmaram que não confiam na polícia

37,5% das vítimas que não prestaram queixa por acharem perda de tempo são do sexo masculino

Tráfico: principal causa da violência

Para a população, o tráfico de drogas é a principal causa da violência, com 85,5% das respostas, seguido pelo desemprego e a impunidade (68,5% cada um). Na seqüência, vêm a desigualdade social (65,75%), a corrupção (65,5%) e o comércio de armas (63,75%). Os entrevistados podiam citar mais de uma causa para a violência. Em último lugar – porém, com índice alto –, está o Estatuto da Criança e do Adolescente (46,5% das citações). Um dado curioso é que quase não há variação na citação do tráfico de drogas como a principal causa da violência entre os entrevistados de diferentes classes socioeconômicas, sendo que 94,12% dos moradores de Vitória e 94,12% dos entrevistados entre 40 e 49 anos citaram o tráfico como causa da violência.

Serra é considerada a cidade mais violenta

A Serra foi citada pelos entrevistados como o município mais violento da Grande Vitória, tanto por moradores dos outros municípios da Região Metropolitana quanto por 74% dos seus próprios moradores. A Serra foi considerada o mais violento pela maioria dos entrevistados com mais de 60 anos (62,79%). O município foi apontado pelo Ipea como o mais violento do país, com maior índice de assassinatos por grupo de 100 mil habitantes. No entanto, dados da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social apontam uma queda nos índices de assassinatos na Serra nos últimos meses. Cariacica, com 20,75% das citações, ficou em segundo lugar, seguido por Vitória (7%), Vila Velha (4%) e Viana, com menos de 1% das citações.

Menos favorecidos mais desconfiados

A pesquisa apontou que o maior índice de desconfiança em relação à polícia está nas classes socioeconômicas menos favorecidas (6,67% das classes D/E), entre os mais jovens (20% dos entrevistados com idade entre 16 e 19 anos) e entre os moradores de Vitória (12,5%). “Isso mostra o distanciamento do cidadão comum dos aparatos de segurança e defesa pessoal. Eles não confiam, não acreditam e não prestam queixa, o que cria dois níveis de cidadão. Outro dado é o alto índice de desconfiança por parte da juventude, que vai formar uma geração de descrentes”, analisou o coordenador da pesquisa, Carlos Henrique Gobbi. O grau de confiança na polícia é maior entre pessoas das classes A e B e que possuem curso médio ou superior.

Maioria das vítimas redobra atenção

Redobrar a atenção é a medida de segurança mais adotada por quem já sofreu algum tipo de violência, e foi apontada por cerca de 33% dos entrevistados. Andar com pouco dinheiro no bolso e colocar trancas nas portas foram as segundas opções mais citadas, com 12,82% cada uma. Um dado interessante aponta para a compra de arma de fogo por mulheres, pois 5,88% dos entrevistados do sexo feminino afirmaram que adotaram a arma como medida de segurança após o crime. Cerca de 9% dos entrevistados do sexo masculino preferem apostar na tecnologia e afirmaram que compraram um sistema de alarme para a casa ou o carro após a violência. Não sair sozinho de noite foi a opção citada por 11,76% das mulheres.

Homens são os que mais se previnem

Quase metade das pessoas que sofreram ou tiveram parentes vítimas de violência decidiu adotar medidas de segurança após o crime. A necessidade de prevenir novas ocorrências é maior entre os homens (55%) e entre os moradores da Serra (53,85%). A maior parte das pessoas com idade entre os 20 e 29 anos (66,67%) e também entre os acima de 60 anos (71,43%) adotaram medidas de segurança depois da violência. O menor índice de adoção de cuidados especiais com a própria segurança ficou entre os entrevistados que têm entre 50 e 59 anos (33,33%). Curiosamente, os entrevistados dessa faixa etária são os que menos sofreram com a violência, pois 14,29% deles foram ou tiveram familiares vítima de crimes.